

## um preto anarquista contra a gramática do poder

ACÁCIO AUGUSTO

Rogério Nascimento (org.). *Cartas de um matuto e outros causos*. Campina Grande, EDUFCEG/Barragem Editora, 2016, 240 pp.

Lima Barreto foi escritor aguerrido de rara combatividade na literatura brasileira. Seus escritos, muitas vezes reduzidos ao estilo literário chamado de realismo, combinavam formas diversas para se apresentarem como investidas contra o poder de sua época. Escrevia com elementos da realidade e fabulava com ironia e humor para esgrachar o ridículo dos costumes burgueses, do bacharelismo, das relações familiares de uma república ainda marcada pelas formas do Império no Brasil. Preto, nasceu exatos sete anos antes da abolição da escravidão no Brasil, num 13 de maio de 1881. Assistiu, ainda menino e morador do subúrbio, o surgimento da primeira República. Filho de um tipógrafo que trabalhou na Imprensa Nacional e de uma professora, lançou-se ao ofício de escritor após frustrar seu plano inicial na engenharia.

*Acácio Augusto é Doutor em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária na PUC-SP). Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da UVV (Universidade de Vila Velha) com bolsa CAPES no qual atua como professor credenciado. Atua também como professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Contato estadoalterado@yahoo.com.br*



Um preto anarquista contra a gramática do poder

Morando na então capital do país, Rio de Janeiro, trabalhou como amanuense na Secretaria da Guerra. Por circular tanto nos meios populares quanto nos ciclos eruditos, tinha um vasto campo de experiência e de observação para extrair elementos de sua literatura. Seus contos, que ficavam entre a crônica e o conto propriamente dito, narravam as mazelas e ambiguidades da jovem república de um país escravocrata, que mesmo com a abolição oficial legal, legava aos pretos o que havia de pior. Inicialmente, Lima Barreto demonstrou certa simpatia pela monarquia que era mais afetiva do que política, pois sempre guardou a emoção dos gritos “Livres! Livres!” ouvidos quando criança após a assinatura da Lei Áurea. Viveu boa parte de sua vida como dândi sem posses, um boêmio entre o centro e o subúrbio. Constatou, desde logo, como se reinscreveria o discurso racista entre os liberais por meio da festejada chegada das ideias eugênicas derivadas das teses da antropologia criminal do Dr. Cesare Lombroso. Por isso, sua literatura é habitada por uma mirada nas figuras vistas como “degenerados”: prostitutas, mendigos, loucos, delirantes e subversivos.

Apesar das críticas aos modos de separação operacionalizados pelas ciências positivas, Lima Barreto oscilou entre mostrar as construções sociais que promoviam essas separações e uma certa fé na razão científica, o que levou o dândi da juventude a se ver como portador de uma herança genética de loucura ativada pelo chamado alcoolismo, que também atingira seu pai. Dessa maneira, ao final da vida, tanto em *Cemitério dos vivos*, quanto em seu *Diário do Hospício*, exhibe um discurso de autoindulgência que descreve um sujeito vitimado por uma doença determinada por sua origem biológica. Tais oscilações, ou até mesmo ambiguidades, podem ser



vistas menos como características da personalidade de um sujeito do que como marca da literatura de Lima Barreto capaz de captar e dar vazão aos problemas de sua época.

Captar em seus escritos essa disposição de risco e combate contra si e contra sua época é evitar cair no lugar comum dos intérpretes contemporâneos que, como assinala Rodrigo Cruz Gagliano, dão continuidade à série de violências que Lima sofreu em vida e que seguem também violentando sua memória, “quase sempre diminuída como louco e como alcoólatra” (p. 17). Uma outra maneira de desqualificar essa coragem de fazer a vida pulsar nos escritos, com todos os seus avanços, recuos e dúvidas, é classificar o gosto pela crítica social e a escrita revoltada de Lima Barreto como expressão de um ressentimento social, derivado de sua não aceitação nos ciclos literários da capital. Essa é a interpretação dada pela pesquisadora Lilian Muniz Schwarcz em sua apresentação à publicação recente dos *Contos Completos de Lima Barreto*.

Lima Barreto escreveu em grande quantidade e nem sempre assinou seus textos com o nome de batismo. Ele colaborou em diversos jornais como *ABC*, *O Suburbano*, *A Lanterna*, *O Tagarela*, *O Malho*, *Almanak d’A Noite*, *Argos*, *Voz do Trabalhador*, *Careta*, *Gazeta da Tarde* e *Correio da Noite*. O presente volume de versos escritos na forma de cartas faz parte de seus escritos assinados com pseudônimo, e foi estabelecido após acurado trabalho de arqueologia documental do pesquisador Rogério Nascimento. Assim, “na forma de versos, em linguagem matuta, o coronel e Conde do Papa Tibúrcio Porfírio D’Annuniação é signatário de cento e quarenta cartas das cartas dirigidas, na sua grande maioria, para sua comadre Thereza Maria da Conceição” (p. 13). O livro totaliza, entre versos e “causos”,



Um preto anarquista contra a gramática do poder

221 narrativas que são atribuídas de forma inequívoca a Lima Barreto, publicadas na revista *Careta*, na qual colaborou por longo período.

Para fundamentar esta atribuição de autoria, Nascimento aponta cinco características: a primeira diz respeito ao período dos escritos que coincide com o tempo de vida de Lima Barreto; a segunda remete às características dos personagens das cartas, neste caso, de um matuto que apesar de rico fazendeiro e, por isso, bem aceito na cidade, não vê graça nas modernidades da cidade; a terceira característica diz respeito aos alvos das críticas das cartas, que coincidem com o temário de alvos da literatura assinada por Lima, como o universo burguês masculino e feminino, os doutores, o pistolão como meio de ascensão social etc.; a quarta característica apontada como indício da autoria de Lima Barreto das *Cartas de um Matuto*, está na contundente crítica ao bacharelismo e ao formalismo na escrita, que é atacado nas cartas tanto como tema quanto na forma em que elas são escritas, quando expõem um esforço em traduzir em verso escrito as maneiras não-formais da língua falada por pessoas que não pertencem aos ciclos dos doutores; a quinta e última refere-se às estratégias de camuflagem, como observa Nascimento: “lançar mão de estratégias de camuflagem, dando a entender terem os signatários das cartas existência concreta, faz parte de uma tática de preservação de sua integridade física. O nome “Lima Barreto” já era muito visado pelas elites dirigentes por conta de suas publicações em forma de livro ou de artigos na imprensa” (p. 16). Considerando os diversos personagens reais que são alvo das críticas irônicas de bem-humoradas do matuto Tibúrcio D’Annuniação, compreende-se tal tática como necessária.



No entanto, as cartas não devem ser vistas como uma ode ao sertanejo ou ao caipira como figuras idílicas portadoras de pureza e ingenuidade em oposição à corrupção própria da cidade grande, como muitas vezes esse tipo de personagem aparece no imaginário popular. A construção do personagem que assina as cartas relatando, na forma versos, a vida na capital para uma comadre que vive no interior de Minas Gerais, funciona mais como contraste, como um ponto de alteridade, para revelar as hipocrisias dos homens de poder na capital da República Velha. Lê-se, ao longo das cartas, desde ironias aos modos de vida burguês cheio de afetações e sensibilidades pueris até defesas reacionárias pela volta da monarquia. Como é próprio dos personagens de Lima Barreto, Tibúrcio D'Annuniação não é um herói, e nem exatamente, como poderia se chamar, um anti-herói, mas um sujeito cheio de ambiguidades que beira a ingenuidade estúpida e, por vezes, a malícia hipócrita. Ele é muito mais uma via de descrição do quão ridículo são os homens de poder, sejam eles poderosos fazendeiros, políticos profissionais ou doutores sem conhecimento. Como o descreve Gagliano, “não é uma personagem estática, um tipo, é complexo: com seus modos de sertanejo, muitas vezes é autoritário, outras não, um sem número de vezes preconceituoso e até racista, de outras, parece rever seus próprios (pré) conceitos, entretanto, sejam quais forem seus deslizos e defeitos, todos são perdoados, na capital, porque é um homem de poder. É bajulado” (p. 19).

É neste ponto que aparece a característica anárquica dos escritos de Lima Barreto. Como se sabe, a relação dele com o anarquismo e com a anarquia é muitas vezes ignorada ou colocada de forma secundária — como é comum aos críticos e biógrafos de escritores e artistas declaradamente



Um preto anarquista contra a gramática do poder

anarquistas que sempre referem-se a isso como algo episódico ou mera informação secundária. Para além da relação entre língua e poder apontada no prefácio das *Cartas de um Matuto*, os ataques às diversas formas de exercício de poder ao longo de seus versos compõem manifestações explícitas do anarquismo de Lima Barreto; revelam as formas escritas, racionais e institucionalizadas dos poderes, mas também suas formas não-escritas, emocionais e extraoficiais das relações cotidianas entre os que vivem *de e para* os poderes: um matuto sem a menor instrução adentra aos ciclos urbanos apenas fazendo uso do poder que o dinheiro lhe confere numa relação de trocas que expõe a corrupção como forma de funcionamento das instituições, e não como desvio de suas funções primordiais. Em resumo, o ridículo personagem roceiro funciona como contraste que revela o quão mais ridículo são os modos da cidade. Não são parábolas morais, mas formas de descrever a miséria dos poderosos para além da miséria material exposta em todo canto da cidade.

Ao misturar literatura e vida, ficção e realidade, personagens reais e inventados, Lima Barreto, como preto e anarquista que não reivindica estatuto civil ou identitário dessa condição, constrói uma descrição demolidora da gramática do poder. E o faz não apenas ao opor-se à norma culta e oficial da língua escrita, mas também em combate aos modos de funcionamento e das relações dos que se autoproclamam donos do poder a partir de personagens infames que, não fosse a disposição literária de inscrevê-los, não estariam na história ou se apresentariam de forma secundária. Nesse sentido, mesmo que muitas das histórias estejam datadas por fatos da época, a publicação destes versos tem uma atualidade latente, pois as hipocrisias



e artimanhas que governam os habitantes civilizados seguem existindo, ainda que tenham encontrado outras formas de manifestação e continuidade.

Uma última nota atual ainda é possível de ser feita a partir da leitura destas cartas, no que diz respeito à tática de camuflagem. O mundo dos doutores, alvo constante da crítica de Lima, sofreu uma certa democratização. No entanto, mesmo ampliado, muitas de suas estratégias seguem similares. Dentre elas, há o culto à personalidade somado à atual moda de vincular os discursos a um nicho identitário de minoria, levados à inscrição em um campo de discurso majoritário. Lima Barreto, ao lançar mão das táticas de camuflagem, se esquivava tanto dos ataques que poderia sofrer por ser preto, anarquista, suburbano e boêmio, como recusava ser a voz excluída que confirmasse a voz oficial. Ao buscar, de forma ficcional, personagens dos ciclos tidos como degenerados, não tinha como objetivo a redenção destes, mas mostrava a partir deles como funcionavam as estratégias de poder.

Esta nota é importante hoje, pois vê-se menos uma disposição em se colocar em combate direto à gramática do poder e mais uma vontade em inscrever-se nela. Assim, o que antes era tido como anormal é hoje incluído de forma democrática, tolerante e pluralista, o que torna ainda mais complexas as formas de destilar as hipocrisias e artimanhas do poder contra os que não se inscrevem em sua linguagem. Não é à toa que os perigosos de hoje são precisamente aqueles que lançam mão de outra forma de tática de camuflagem: a recusa em mostrar os rostos aos que são responsáveis pelos exercícios de poder.